

# A REVOLTA

## Jornal Republicano Academico

ANNO 3.º

COIMBRA — Sexta-feira, 25 de Novembro de 1910

N.º 45

### A CALAMIDADE

Projecta sensatamente o governo provisório da Republica o desdobramento da Faculdade de Direito. Este facto simples, cuja noticia nos jornaes o paiz applaude pacatamente ao chá, palitando os dentes, com um menear de cabeça lento e approvativo, traz Coimbra ululando de dôr, gemendo e vociferando ameaças e representações. Já a Associação Commercial, baluarte terrível por detraz do qual se en-trincheira o estomago de Coimbra, rabisca em pergaminho solemne protestos e reclamações; já a imprensa local, arvorando o estandarte dos «legítimos interesses da cidade», grita e clama que fundar em Lisboa uma Escola de Direito é tirar a Coimbra a còdea de borôa que ella rilha placidamente e sem trabalho ha muitos annos. Falla-se duma excursão a Lisboa com bandeiras e protestos e chegou mesmo a rosnar-se duma greve do commercio, do terrível e insaciavel commercio da cidade.

Tomemos ao acaso um órgão da imprensa local e recortemos delle, com a devida venia, opiniões e conceitos sobre o desdobramento fatal que Coimbra teme mais que uma invasão do cholera. Temos, por exemplo, aqui defronte o nosso illustre collega *Noticias de Coimbra* com o qual ha muito tempo mantemos as mais cordeas relações de permuta e camaradagem jornalística. O *Noticias* é um jornal ponderado e severo, sem estouvances precipitadas de impulsivo e sem arrebatamentos de juventude irreflectida. Tem por vezes seu serviço telegrafico especial, representa, em regra, a opinião burgueza e conservadora da cidade, é escripto em linguagem moderada, bordado todo elle a termos cautelosos e delicados, num grande receio de ferir susceptibilidades, venioso perante o «estimavel assignante» e o «prezado leitor». E', em resumo, o *Times* da terra com menor formato e mais *luna di pilica*. Pois é deste estimavel collega que nós vamos recortar uns pedaços de prosa, para elucidacão d'aquelles que não teem facilidade em saber o que Coimbra pensa do desdobramento.

Num alarmado artigo — *Curso de Direito em Lisboa* — diz o *Noticias de Coimbra*, no seu n.º 330:

«E' preciso por todos os modos conseguir do governo que não leve por deante a sua ideia de desmembrar a Faculdade de Direito porque semelhante medida, que razão nenhuma aconselha, viria tirar toda a importancia á Universidade e sacrificar os interesses da nossa terra.»

Bastaria, para vergonha eterna de Coimbra, transcrever simplesmente estas linhas, porque, na verdade, não ha attestado mais nitido de parasitismo do que esse que acima deixamos. Mas não fica por aqui o articulista, que no periodico encarnou o sentir da cidade. Vae mais longe e solta o seu grito de angustia logo no periodo seguinte:

«Todos conhecem que não pode haver compensações possíveis para suprir a grande falta que virão fazer a Coimbra os 400 ou 500 academicos que preferiram ir estudar para Lisboa.»

Vós bem vêdes que não inventamos! E' elle que o diz, elle, o *Noticias de Coimbra*, que não pode haver compensações que equilibrem a falta das meçadas dumas centenas de estudantes! E' elle, o austero *Times* local, dirigente da publica opinião e ao mesmo tempo seu echo, que o afirma bem alto e bem claro! Pode a natureza, milagrosamente, sulcar o subsolo de Coimbra de grossos filões de ouro, podem as areias do Mondego transformar-se em pedras preciosas que Coimbra desdenhará o ouro e os rubis, porque só pretende que lhe conservem intacta a Faculdade de Direito. Chega a parecer uma entranhada obcecacão amorosa esta paixão de Coimbra pela Faculdade querida.

Mas a opinião da cidade não considera o desdobramento simplesmente como uma diminuicão de receita: considera-o uma calamidade. E' ainda o *Noticias* que o diz, levando as mãos afflictas ao desgrehado cabeçalho:

«E' preciso que todos trabalhem para este fim, certos de que não pôde haver em Coimbra maior calamidade.»

Nem uma chuva de fogo como em Sodoma, nem uma praga de gafanhotos como no Egypto affligiriam a cidade, porque ella a tudo resistiria, abrindo guardas-chuvas á prova de fogo e matando a bicharada; mas desdobrar a Faculdade, dar ensejo a que os cofres sedentos do commercio não traguem umas centenas de mil réis isso seria como vibrar-lhe á cabeça um golpe pesado de clava. Se lhe desdobram a Faculdade de Coimbra certamente se atira ao Mondego, de cabeça para baixo.

E o que mais penalisa nesta debatida questão não é o estendal grosseiro de interesses mal disfarçados que por ahi se está fazendo, é a magua e vergonha d'aquelles que, sendo como os outros filhos desta terra, teem que velar a face para que os não vejam corar de pejo deante d'esta lucta egoista de lucros pouco honestos, que vem lavar á cidade uma sentença terrível: terra de parasitas!

### Factos e Commentarios

#### Do prato á bocca

Informou o *Mundo* num brilhante artigo de Santos Tavares, o *Ultimo Menu Real*, que mal fóra servida a sôpa no banquete do Marechal Hermes um creado açodado prevenira o sr. Marnoco e Souza de que o chamavam ao telephone, saindo o ex-ministro para nunca mais voltar.

Pobre sr. Marnoco e Souza! Como em tudo isto elle deve vêr o sorriso satânico do factor economico e seus cabalisticos traços: um jantar que contava comer de borla e do qual mal chegou a provar a sôpa, obrigado por uma telephonada impertinente a vir acabal-lo cá fora num restaurante, pagando-o do seu bolsinho!

Que decepção se S. Ex.ª tinha desaperado a fivela do collete!

#### Papeis de Bispo

Ao bispo de Beja foram apreendidos interessantissimos documentos em que se prova, dizem os jornaes, que a bispal pessoa era filiada na Companhia de Jesus e que conspirava contra a soberania do poder civil.

Misturados a estes papeis comprometedores o que mais se não teria achado, perfumado e reumando ternura, que os jornaes não revelaram? Ternos queixumes, trancinhas enastradas de côr de rosa, pedacinhos de sobrepeliz talvez...

#### Sempre sereno

João Franco, entrevistado no *Correio da Manhã*, fez a apologia da sua serenidade contando uma confusa historia de queijadas e cavallos desbocados.

E', bom relembrar a serenidade do homem, no 18 de junho, quando investiu a trote pela calçada do Carmo e a serenidade com que depois despediu o cocheiro por lhe ter salvo as costellas. Convem ter estas coisas bem presentes não vá a historia julgar que foi a serenidade de João Franco que venceu em Austerlitz.

#### Outros tempos

No cortejo do dia 6 já ia o conhecido revolucionario Souza Gomes senipado com o antigo republicano Bernardo Ayres. Faz gosto vê-los tão fieis á «causa».

De vez em quando Souza Gomes olhava a extensa bicha, dava aqui e acolá uma ordem breve, retocava o alinhamento e uma nuvem de saudade passava-lhe no olhar, embaciando-lhe os oculos. E' que Souza recordava o tempo ido, em que era o todo poderoso organisador da procissão da Rainha Santa. O' doces tempos em que elle empunhava a sua vara de prata de juiz! O' duros tempos em que lhe é sómente dado empunhar um guarda-chuva profano.

#### Pela Universidade

Consta por ahi que grande parte dos lentes de Direito abandona o ensino, jubilandando-se e demittindo-se.

A reforma da Universidade lembra-nos um dos asperos e fabulosos trabalhos de Hercules: aquella limpeza ás cavalleirias de Augias que o brutinho fez em meio dia, desviando o curso dum rio.

#### Para o exilio

Ao que dizem, numerosos nobres, com pergaminhos de muitos seculos archivados no *Diario do Governo* dos ultimos annos, preparam as malas, de partida para o estrangeiro, nauseados com o cheiro da ralé soberana.

E' terrível para o paiz este exodo de senhores fulanos e sicranos com um ôco titulo entre parenthesis, porque redonda certamente n'uma crise desses sympathicos signaes graphicos, que talvez degenere n'uma greve de asteriscos e pontos de exclamação.

Que a nobreza saia, mas que deixe cá os parenthesis!

### CELLEBRES...

#### DE BARRETE PHRYGIO



(Desenho de Emilio Martins)

#### O Intransigente

Está sendo publicado em Lisboa este novo coléga, de que é director Machado Santos.

Afirma-se republicano-radical, facto que vem fazendo pinotear os catões do suspeito conservantismo... democrático.

Pois daqui vai o nosso aplauso a Machado Santos, na certeza de que o seu jornal á de ser tão valente como ele o foi na Rotunda, entre um seleccionado grupo de valentes.

#### Mais um

No cortejo realizado pelas Comissões paroquias desta cidade, á passagem dos Ministros da Guerra e Interior para o Norte, incorporaram-se todas ou quase todas as associações de Coimbra e, entre outros dinamitistas terríveis, o doutor em teologia Francisco Martins, aquele conhecido revolucionario que tão porfiadamente tentou, á já alguns annos, filiar nas secretas as barbas do bispo do Porto.

#### A Revolta

No próximo número — desenho de Luiz Felipe.

### MIUDEZAS...

Eram muito conservadoras. Muito conservadoras e muito lindas. Sempre o tinham sido desde pequeninas, muito lindas e muito conservadoras, odiando os republicanos, enojando-se só de pensar na ralé, a cada momento relembrando um avô celebre, que fóra furriel nas campanhas da liberdade.

Quando da Revolução cada uma dellas — porque ellas eram tres manas muito lindas e muito conservadoras — se julgou naturalmente indicada para princesa de Lamballe da occasião. O que as suas lindas cabezinhas ôas architectavam!... Todos os republicanos da cidade sabiam que ellas, quando o rei estivera em Coimbra, tinham sido

dum entusiasmo, dum fervor monarchico... E certamente agora, triumphante a Republica, ao iniciar-se a natural carnificina extremadora dos leaes e fieis servidores do ex-reisinho, ellas não seriam esquecidas.

O que ellas imaginavam, as lindas cabezinhas ôas. Viam o tribunal revolucionario constituido, os juizes hirtos e de sobrecoelho carregado, o accusador accumulando crimes sobre crimes e despejando-lhos d'alto sobre as suas lindas cabeças, numa torrente de palavras violentas. O accusador! como ellas viam bem esse tigrinho avido de lindas cabeças para o còsto da guilhotina!...

Certamente viria a ser aquelle sujeito alto, muito direito, trigueiro e picado de variola, que todos os dias lhes passava sob as janella, spacificamente caminhando para o jantar. Só Deus o sabia se mesmo nessa tarde, quando elle passava para a Alta, para o jantar, não enviezara para as janellas um olhar terrível dizendo consigo: «Amanhã lá cantam aquellas!»

Quantas vezes, revolvendo na cama o seu lindo corpo na impaciencia da insomnia, alguma das conservadoras não vira claramente e com nitidez surgir na treva do quarto, perante os seus olhos pavidos, a scena arrepiante do cadafalso. Na Praça Velha, ao alvorecer dum dia enevoado e triste, a guilhotina pondo na claridade incerta os riscos negros dos seus prumos, o cutillo brilhando pallidamente. E ellas caminhavam lentamente por entre a multidão que rugia, avançando os punhos, e subiam, vestidas de branco e pallidas, os degraus fataes. E nem um padre, nem um cruzifixo agitando-se no ar para abençoar as suas almas,

que iam emfim voar libertas desses corpos perfallos e desejados. E por vezes entreviam a travez da multidão ululante o Mesquita da Funeraria, esfregando as mãos e sorrindo, contente de haver carne fresca a encaixotar. Mas já os ajudantes do carrasco tomavam nas rudes mãos o corpo duma das irmãs, deitando o de braços na taboa terrível. Ella dispunha-se a repetir a phrâse da velha marquezã de Tavora, em Belem: «Não me descomponhas!»... e o cutello caia, com um ruido frio e secco, arrepiante, medonho!... Horror!... Horror!...

Precisamente numa noite em que estas visões terríveis lhes agitavam a insomnia uma dellas sentiu, apavorada, uns passos lentos e pesados soando no largo fronteiro á casa.

Levantaram-se, tremendo de pavor. Chegara talvez a hora desejada e tenida. Tinham a casa cercada, iam talvez ser presas mal raiasse o dia.

Approximaram-se duma janella, com precauções, em passadas sôfas de pés nus. Nada!

Uma dellas, mais ousada, avançou até á vidraça, collando ao vidro o narizinho petulante. Mas voltou-se logo, muito pallida, apontando ás outras com o dedo tremulo um vulto que em baixo, no largo, passeava em passadas lentas, de sobretudo e chapu côco. Era de certo um dos revolucionarios que estavam cercado a casa. E todas tres abraçadas, como um grupo classico e harmonico de Praxiteles choravam docemente.

Mas uns sons gutturaes, inarticulados soaram no silencio da noite, partindo duma rua proxima. Em baixo, no largo, o vulto suspeito parou. De novo os sons gutturaes, martillados soaram, mais proximas agora: — Ah-lhaa...

Então o vulto suspeito largou numa corrida ansiosa para a rua proxima donde partiam os sons gutturaes inarticulados... E tudo recaiu num pesado silencio.

Em cima, por detraz da vidraça, as lindas conservadoras choravam ainda abraçadas, como um grupo classico e harmonico de Praxiteles.

Efêce

DE LISBOA

5 de novembro.

A parte epica, gloriosa d'esta longa e penosa ascensão que o povo portuguez teve de fazer até á Republica, terminou.

A Revolução foi a apothoseo summa do drama terminado e, disperso o fumo dos ultimos tiros, começa a segunda parte, tragico-comica e, como todas as coisas n'este mundo imperfecto, cheia d'imperfeições e aspectos desoladores. Aqui em Lisboa, que é um grande tablado de palco, é que decorrem as scenas mais interessantes, ora facetas, ora tristes.

Fallemos claro. Eu sempre ouvi dizer, como ultima ratio invocada contra a impossibilidade d'instituições democraticas em Portugal, que o «povo não estava preparado para ellas». Até mesmo pessoas que não tinham interesses ligados á conservação da monarchia e que publicamente a condemnavam, manifestavam o receio de que a incultura e a falta de educação das classes populares, fosse insuperavel obstaculo á implantação da Republica. Havia, diziam, uma minoria consciente apta a servir-se como arma de civilização e de progresso, d'instituições rasgadamente democraticas mas, entre essa minoria de gravata e letrada e a grande massa esfarrapada e insulta, o divorcio era absoluto.

Pensadores de café opinavam que, no estado do paiz, a dictadura das elites era a unica formula politica viavel e, como cada um dos que assim fallava, se considerava indubitavelmente d'essa elite e ainda, d'entro d'ella, superior aos outros, o paiz estava ameaçado de em cada um de taes senhores, encontrar um peque-

nino Cromwel — o que, traduzido em calão, dá o João Franco. Vem a Revolução e verifica-se que o povo, a massa anonyma, dá por esse paiz lóra, aos olhos da Europa estupefesta um espectáculo de serenidade, de cordura, de consciencia, verdadeiramente impressionante. Em Lisboa então, esse espectáculo foi uma coisa formidavel, formosissima, inédita na historia de todos os povos ainda os mais cultos.

Nunca em paiz algum se viu uma Revolução sem «dia seguinte». Pode dizer-se esta coisa paradoxal que após a Revolução, sem a Ordem nas ruas, nunca a disciplina foi mais completa na cidade. Estarrapados, miseraveis que nada tem, guardavam, d'arma aos hombros, os Bancos, onde dorme a fortuna dos que tudo possuem.

E era tão alto, poderoso n'esses espiritos o cathorico imperativo do dever, que na manhã da proclamação emquanto, em frente á Camara Municipal e ao Quartel General, estugiam as aclamações populares, na rua do Ouro completamente deserta, eu que me dirigia para o largo do Pelourinho, assisti ao seguinte dialogo entre dois maltrapilhos que guardavam um Banco:

— E não vejo o que mais queria ver! — dizia um, chorando.

— Não podemos arredar d'aqui... Podem roubar isto — respondia, imperturbavel o outro.

Este episodio dá bem a medida do que é este extraordinario povo. Pois, em contraposição a isto, agora que a revolução passou, as classes dirigentes, a gente de gravata, dá, salvo honrosas excepções, o deprimente espectáculo d'uma alcaetia de lobos famintos, strando-se sifregamente sobre a presa. Tudo quer collocações, tudo quer empregos! Os monarchicos velhos, reaccionarios impenitentes, armam em demagogos e pés frescos.

Com uma desfaçatez unica, juram «que sempre foram republicanos, republicanos dos saudosos tempos do Marcellus e do José Elias, que aquillo é que eram homens!» Outros lamentam-se nos calés que «depois, de tantos serviços prestados á Republica, os marotos do governo — raio de vida! — não lhes dão nada, nem sequer um reles emprego de dois contos de reis por anno! Ha tal que falla em partir a cara ao tratante do F. que não o nomeou parteira da Guarda-Nacional!

Cavalgaduras legitimas que mal sabem ler, franzem o nariz quando lhes fallam em ser administradores de concelho — essa miseria!

E o que elles fizeram na Revolução! A um ouvi eu contar taes coisas que sendo de admirar para um regimento, são d'endoidecer quando se pensa que foram feitas por um só homem!

Esse diabo chegou a affirmar á minha vista que á hora em que não havia viv'alma no quartel de marinheiros estava elle sustentando um rehido fogo com as tropas fieis. E como eu lhe objectasse que a essa hora os marinheiros já tinham embarcado o heroico homem, sem se desconcertar, concluiu triumphante:

— Pois é verdade, fiquei eu sózinho, que a maruja deu ás de Villa-Diogo!

Os ministros são assediados no ministerio, na rua, em casa, na cama e, ha quem diga que até...

Até mesmo, n'esse logar, sim senhores! E os ministros são homens, com as fraquezas d'homens, gostam de festas de salamaleques, de bichinhas — gatas... E quem ha shi que não goste?

Entretant, para entreter a chama popular, o ministerio, deixando para melhor oportunidade o conjuncto de medidas economico-sociaes, politicas, administrativas, em que com certeza se pensou para a hypothese da Revolução virar e o partido republicano ser poder — vai atirando á fornalla com os frades, a separação da Igreja do Estado, a lei de imprensa, o divorcio, coisas que, como vocês vêem, são simples e de primeira necessidade.

Ora penso eu agora que em Portugal quem não estava preparado para a Republica eram as classes dirigentes. E vocês que dizem?

B. Fuas.

Dr. Antonio Napoles

Este nosso amigo, antigo camarada de redacção, distinto advogado em Lisboa esteve entre nós durante tres dias, tendo deixado hoje Coimbra, de volta aos seus trabalhos profissionaes.

Dr. Ramada Curto

Ao nosso amigo e collega dr. Ramada Curto, fundador da «Revolta», que durante dois annos tão brilhantemente dirigiu, endereçamos a expressão sentida dos nossos pesames pela enorme perda que acaba de sofrer.

Tavares da Silva

A este nosso camarada de redacção enviamos sentidas condolencias, acompanhando-o sinceramente na magua que acaba de o ferir, pela morte de sua mãe.

Carta ao Mestre

Acabo de saber que requereste a tua aposentação.

Não estou ainda em mim depois do abalo que tal noticia me causou.

Pois tu, Mestre, vaes aposentarte, vaes deixar a faculdade de que tens sido tão brilhante ornamento?!

Que tristeza!

Com que saudade eu recordo os bocados deliciosos de prazer espiritual que passei na tua aula, ouvindo o verbo eloquente que se desprendia dos teus labios, espalhando sobre nós todos catadupas de luz que vinha illuminar pujantemente os nossos cerebros acanhados!

Sempre recordarei com gratidão aquella prelecção em que ao meu curso interpretaste o Regulamento das Faltas, fazendo-o com tal clareza e precisão que todos ficámos sem a menor duvida de que, dizendo certo artigo que seria preterido quem desse mais de cinco faltas, nós ficaríamos preteridos se dessemos seis.

Todas as nossas confusões desapprazeram depois da tua interpretação.

Tambem não esquecerei as emendas que fazias ás lições, facilitando nos o seu estudo, mostrando-nos a toda a evidencia que os dois tt da palavra imposto alli tinham sido collocados pela mão irreverente e barbara de um typographo imbecil, com a complicitade revoltante de um revisor mal intencionado.

De outra vez onde a lição dizia reconhecer mandaste cortar o suffixo re. Todos nós — coitados! — que pensavamos ser aquillo um prefixo, nos sorrimos, e tu, ouvindo o murmuro, repetiste o que tinhas dito, castigando com a tua superioridade o nossa ignorancia miseravel. Muitos outros ensinamentos recebi na tua aula, tantos que não me chegaria o espaço do jornal, se a todos me quizesse referir.

Além do teu genio, Mestre, eu admirei sempre tambem a tua figura imponente que ao apparecer nos Geraes-movendo-se com majestade, me fazia sentir pequenino, rasteiro como um verme, a despeito do metro e setenta que consta da minha caderneta de reservista.

Para todo o sempre ficou gravada na minha memoria a impressão que senti quando pela primeira vez te vi, sentado á mesa dos actos, refrescando com o teu lenço, ainda então sem a corôa de condé mas já com a borla de doutor, a face avergonhada momentos antes pelo chicote brandido pelo braço rijo de um transmontano tezo.

Como admirei a tua serenidade nessa hora!

Nesse dia, eu, então simples projecto de caloiro, senti tal admiração por ti que o meu maior desejo ficou sendo chegar ao terceiro anno para — ser teu discipulo.

Fui feliz. Tive essa suprema ventura que agora já mais será dado gosar aos estudantes da universidade.

Mestre! não devias ter requerido a aposentação. E já banal mas profundamente verdadeira a affirmação de que os grandes homens se não pertencem, mas á humanidade.

Por isso, Mestre, não tinhas o direito de deixar a cathedra que, por signal, acabou por não existir, devido aos machados d'esses discipulos que por ali medram.

Toda a minha gratidão, toda a admiração que te consagro, não serão bastantes para te perdoar esse crime. Não! Nunca te perdoarei!

Ego.

P. S. — Ouvi agora dizer a um, como eu, teu antigo discipulo que foi este o teu primeiro acto intelligente.

Que imbecil!

B.

Uma Faculdade de Direito em Lisboa

Parece que o Governo Provisorio da Republica, satisfazendo uma aspiração da academia, já muitas vezes expressa, e attendendo tambem a uma justa exigencia dos povos do Sul: á commodidade do estudo e a sua proficuidade, portanto, vaes crear uma faculdade de Direito em Lisboa.

Muito bem. Cumpre o seu programa de justica e não seremos nós, os novos, que lhe regatearemos os nossos applausos, tanto mais justificados quanto estâmos acostumados a ver que os governos em Portugal costumam fallar com toda a semcerimonia e desfaçates aos compromissos da vespera.

Se o Governo assim proceder é justo, é razoavel; cumpre o seu dever patriótico. Vejâmos agora qual o procedimento de Coimbra, ou pelo menos duma grande parte.

Pelo que escrevem os nossos collegas, e pelo que por ahi temos ouvido, chegámos a convencer-nos que tudo isto é muito particularista, muito egoista, muito reaccionario. A maior parte dos filhos de Coimbra que temos ouvido sobre este assunto tem nos deixado apprehensivos sobre o futuro da Jovem Republica servida por taes republicanos.

Nesta conjuntura, alguns dos nossos correligionarios tem-se comportado como verdadeiros monarchicos, o que nos desola, digamol-o francamente.

Os monarchicos dentro da monarchia é que costumavam fazer destes obstruccionismos quando se tratava de modificações nas suas localidades, quando essas modificações iam afectar os interesses pecuniarios d'alguns ou as vaidades mal contidas doutros.

Assim, nós encontrâvamos regimentos, esquadrões e baterias aquartelados em terras, que importancia alguma strategica tinham, em detrimento de pontos estrategicos para a eventualidade de uma mobilisação a serio.

Assim procediam os monarchicos quando reinava a monarchia. Parece que os republicanos de Coimbra leem pelo mesmo breviario hoje que á frente da Nação está um Governo democratico saído duma revolução.

Já é antigo este criterio de Coimbra.

A visinhança da tal decantada Universidade em nada tem influido no seu desenvolvimento intellectual e moral. Quando se pretende fazer uma reforma do ensino, Coimbra, incapaz para observar, estudar e avaliar as vantagens pedagogicas dessa reforma, o que faz como qualquer lórra saloio é olhar para o cofre.

Chegámos a convencer-nos que estes senhores julgam que a Universidade foi creada e é mantida simplesmente para que Portugal, ilhas e colonias para aqui mandem os seus filhos equilibrar finanças dos burguezes. O resto nada importa.

Senão vejamos. No principio do corrente anno lectivo alguns rapazes invadem a Universidade expulsam os desclassificados dictadores franquistas e derriuem a golpes de machado as cathedras, esses symbolos dum passado de ensino metaphisico e dogmatico.

Foi o preludio efficaz para que immediatamente o governo lançasse os olhos para algumas medidas provisórias mas de alcance moral.

Que faz Coimbra? Protesta em toda a parte, grita barafusta indigna e indignadamente. E porque?...

Porque?... Seria pela falta de respeito aos mestres? — Não, porque desabridamente se affirmava que não teriam condemnado os rapazes se elles, em vez de destruir as cathedras tivessem assassinado o Teixeira d'Abreu!...

Porque seria então, meus senhores? Vejamos de vagar. Dois motivos havia que explicavam o santo furor: um que elles repetiam á bocca cheia e outro que escondiam e acalentavam no peito.

O motivo que ostentavam era todo de ordem politica, todo transcendente: tocava quasi as raias das regides protocolares: — eram as difficuldades creadas ao governo para continuar na sua obra de ordenação interna e de confiança perante o estrangeiro!

Mas o verdadeiro motivo, o rigoroso motivo, o autentico, aquelle que os impellia como mollas, era outro: — o cofre, o pavôr dos usurarios que poderiam ser teridos, se por ventura o gesto dos rapazes se hovesse transformado em motim e a Universidade viesse a ser fechada por esse facto!...

Julgarão que é calumnia o que acabo

de afirmar, e todavia cousa alguma mais demonstravel.

Pois se eram as difficuldades do governo que impelliram os protestantes, não serão agora difficuldades e embaraços que lhe pretendem crear com a sua intencional rebeldia contra a medida do desdobramento da Faculdade de Direito?!

Ha todavia uma enorme differença: — Quando dos rapazes na Universidade o facto era muito circunscripto meramente escolar; agora não, porque é uma cidade inteira, quem sabe se todo o concelho que está na intenção de gritar o seu protesto, de fazer obstruccionismo, não sei mesmo se greve!...

Isto seria divertido, se nós podessemos achar divertido qualquer causa que alem de offender a Verdade e a Justiça ainda é enormemente lesivo de prestigio do governo da Republica, deixando-o, se recuar, impotente para se lançar desasombadamente na estrada larga do progresso fomentando a riqueza nacional, a riqueza de todos, desprezando as exigencias egoistas e inconfessaveis de alguns.

Se Coimbra tivesse mais algum criteriosinho não enveredaria barafustando por esses tortuosos atalhos de obstruccionismo, mas, socegradamente, com aníor patrio, com fé republicana, impellida pela Verdade e amparada na Justiça, procuraria tudo o que conviesse para a sua situação de 3.ª cidade de Portugal, situada no centro do paiz, fertil, bella, salubre, cheia de tradições de mocidade, onde ecoam por todos os lados saúdades dos que por aqui dissiparam a mocidade cantando e rindo.

Sim Coimbra, reflectindo um pouco, poderia elaborar um plano de justas compensações, verdadeiras compensações, com que ella seria financeiramente indemnizada pela falta de algumas dezenas de rapazes que affluirão a Lisboa; compensações que a tornariam muito mais celebre e procurada do que é hoje com o seu monopolio da Faculdade de Direito respectivos lentes e alumnos.

Porque gosto sempre de ser verdadeiro e justo eu devo declarar que tenho encontrado muitos cidadãos de Coimbra que veem as cousas pelo verdadeiro e razoavel aspecto: são os republicanos que o são profundamente, que da politica, da administração publica e do tomento tem uma ideia mais elevada, mais moderna, mais completa.

E de justiça dizel-o, é urgente que se diga. Para esses eu apello. Envidem os seus bons esforços para que os nossos patrióticos tenham mais tino e mais... decore.

Indiquem-se ao Governo compensações, mas compensações justas e razoaveis. Deixem-se de patentear tão pelintamente a costumada caramunha todas as vezes que ouvem falar no apartamento de alguns estudantes.

Se julgam que não se pode elaborar uma boa lista de razoaveis compensações, enganem-se mais uma vez.

Colloquem essas compensações pela ordem descendente da sua importancia.

I — Dotação sufficiente da Faculdade de Medicina, remodelação e ampliação dos Hospitales;

II — Instituição duma Relação;

III — Creação dum collegio completo e moderno para meninas;

IV — criação duma escola Commercial;

V — criação dum Hospital para alienados;

VI — criação dum instituto antirabico;

VII — criação duma escola normal superior.

Consigam isto meus caros considerações, e deixem lá que a Faculdade de Direito se divida entre Coimbra e Lisboa que a somma dos bens de toda a ordem é bem superior á somma dos males.

Dr. Santos e Silva

Perante a magua sincera que nos angustia todas as palavras que acerca da inesperada morte do Dr. Santos e Silva escrevessemos seriam frouxas e descoloridas, impotentes as phrasas para dizer a nossa dôr profunda.

Santos e Silva, alma de luctador e caracter integro, deixa entre os bons e antigos republicanos uma lacuna que jámais se preencherá. Inteligencia brilhante conquistou um logar de destaque entre os classificados da Faculdade de Medicina, apesar da sua aspera vida toda cortada de sacrificios e provações.

Sobre a nossa magua sincera nestas linhas levantamos o monumento da nossa saudade e da nossa dôr á memoria do desditoso amigo.

KOVA'S PALACE

Por Emyl-Phelic

I PARTE

As lagrimas da esphinge

CAPITULO I

O Palacio abandonado

As doze badaladas da meia noite reboaram longamente pelo espaço. Um vulto embuçado numa ampla capa negra caminhava enfiado ás paredes duma escora viela tortuosa. De subito parou junto a uma portinha, que mal se divisava num recanto sombrio, e bateu cinco vezes, pausadamente e em fórma de cruz. Silenciosamente a porta abriu-se e uma voz debil murmurou:

— Vêdes o Sete-Estrello?  
— Embuçado respondeu abafadamente, repuxando para os olhos a dobra da capa:

— Os meus olhos estão nelle!  
— Entrae! disseram de dentro e immediatamente em silencio a portinha se fechou.

Entremos tambem, leitor, porque em romances deste genero é livre a besbelhice mesmo depois da meia noite. O vulto mysterioso, que vamos seguindo, raspou um phosphoro de vintem na caixão da parede e olhou em roda, mas, como succeder ao esqueleto do Noivado no Sepulchro, não achou ninguém.

— E' boa! murmurou.  
E seguia por um largo corredor abobadado. Não teria dado dez passos quando se lhe deparou uma forte porta de carvalho cravejada de pregos ferrugentos.

O mysterioso personagem parou deante deste obstaculo e começou a bater as palmas muito tranquillo. Mas ninguém respondia e só o echo fazia um lugubre prolongamento do estalar secco das mãos chocando-se.

— Então não há guarda nocturno nesta terra? Olhem que serviço estel... gritou elle furioso.

Imediatamente elle viu uma chave introduzir-se na fechadura e dar a volta á lingueta com um estalido secco sem que se visse mão humana pegalhe. Com um arripio á flor da pelle entrou numa vasta sala circular forrada de velludo negro e illuminada por uma lampada de prata pendendo do tecto. Ao meio da sala uma esphinge enorme, de bronze, alçava-se sobre um pedestal de marmore vermelho. Sobre o peito, entre os seios de mulher, tinha uma caveira com com cabellos cobrindo-lhe o craneo. correctamente penteados de risco ao meio e entre os seus dentes de bronze, que entremostrava no eterno sorriso enigmatico, fumegava um charuto constantemente aspirado pelas suas bronzeas guellas. O nosso homem examinava tudo com um grande sangue frio quando reparou que o solo da casa começava a girar em torno do pedestal da esphinge, que se conservava immovel. Em volta toda a parede se cobriu de velludo de forma que elle perdeu a porta por onde entrara. Quiz arriscar um passo naquelle chão moveido para procurar a saída, mas uma das lages cedeu ao seu peso e começou a descer com elle suavemente. A descida durou cinco minutos, contados pelo magnifico relógio Longines que o mysterioso personagem levava na mão. De subito uma luz viva veio ferilhe a retina.

Continua.

BATALHÃO NACIONAL

Com a approvação de S. Ex.<sup>a</sup> o ministro da Guerra, vai organisar-se n'esta cidade um batalhão nacional, composto exclusivamente de individuos da classe civil.

Este batalhão devera ter exercicios militares na cerca do quartel do regimento 23, aos domingos, servindo-se das armas do mesmo regimento.

São convidados, pois, a inscreverem-se perante as commissões parochias e municipaes todos os cidadãos da classe civil que desejem fazer parte d'elle, contanto que sejam reconhecidos como tendo professado ideias republicanas anteriormente á proclamação da Republica.

A inscripção começa, desde já, no Centro José Falcão, a fim de que os exercicios possam começar no proximo mez de dezembro.

Os instructores são officiaes e sargentos bem conhecidos pelos seus ideaes republicanos.

RESUMINDO

A phase que o paiz está atravessando é profundamente encantadora e educativa. Disse-vos eu no ultimo numero que a Republica era para os novos, para aquellos que cheios de vigor, boa vontade e dedicacão pela Patria, se dispoessem a aprender esta lição de vida social e politica que o nosso cantinho está dando ao mundo civilisado e muito especialmente a nós. E' bem verdade.

Aqui, e não é de estranhar, essa lição, que é dada mais ao perto, no convívio com os professores, preoccupa quasi exclusivamente a attenção ansiosa de todos. E' que, taes lições são raras durante a nossa curta vida, e rarissimas vezes se consegue reunir um corpo docente tão apurado e edificante.

Enquanto vós ahí possuís o Assis, que, ao que se dizia, era o symbolo da ignorancia e da burrice, nós aprendemos aqui com este povo intelligente e aulaz, orientado e firme, honrado, sensato e intrá sigente. E seguem-lhe na esteira, completando mais concretamente a sua actividade, os magnates da Republica, os caudilhos d'honlem.

Foi elle quem soube soffrer e lutar, quem soube vencer, e é elle ainda quem ponderadamente sabe raizar a victoria e viver n'ella.

Foi este grande povo da capital, quem, com uma abnegação exemplar, soube dia a dia, passo a passo, conquistar o terreno inimigo em que agora impera. E' elle quem, n'uma conducta unica, sabe conter o mando que até aqui o esmagava. E para que nada lhe faltasse, elle, melhor do que nenhum outro, tem sabido doar, tem sido tolerante e magnânimo.

Extranhaes talvez que assim vos falle quando os jornaes tolos os dias nos trazem adherentes, os que hontem hostilizavam mais ferosamente esse povo, e que agora têm sido escorraçados com tenacidade; quando nos referem as prisões dos tres ministros da ditadura franquista, e a d'aquelle epilectico d'Aveiro, que andam ás voltas com a justicia; etc. Mas, que tolerancia, que perdão mais completo poderiam esses obter do que aquelle que lhes é dado pelo seu julgamento regular e sereno n'um periodo que é ainda de agitação e revolucionario?

Eu conheci em Coimbra esta tirada celebre de Robespierre — os tribunaes populares não são como os outros tribunaes, não julgam, condemnam, fulminam como um raio —! Onde se vêm esses tribunaes? E' certo que o povo n'um impeto de desespero ameaçou o dictador aqui, á saída da Boa-Hora, e difficilmente se conteve, mas talvez seja certo que o povo quiz impôr, violentamente até, a correcção devida ao chefe dissidente que pretende, contra toda a boa razão, acalantar-se bem no seio da Republica. E' natural que sejam verdadeiras tantas outras tentativas de violencias que se lhe têm attribuido, mas o que sem hesitação affirmo, é, afóra estes momentos aliaz poucos e perfeitamente justificaveis de exaltação ainda assim contida, que o povo é generoso, condescendente e bom.

Perdôa!  
De resto as medidas tomadas e por elle consentidas não são medidas de vingança, ou de perseguição odiosa. Todos o vêem claramente, a ordem da Republica impõe-n'as.

Não estou fazendo uma defeza d'esse povo como poderá parecer. Não ha motivo de accusação. O que ahí deixo são palavras saídas da minha admiração profunda por essa massa desconhecida que tem vargado a seus pés o respeito do estrangeiro.

Descrever-vos o que foi a manifestação ao Dr. Magalhães Lima, é impossivel. Nem eu, nem ninguém o sabe fazer. Pro momentos que nenhuma arte sabe reproduzir, e tental-o nessas condições é um crime.

Comprehendel-a-hão um pouco todos os que a ella não assistiram conscios de que Magalhães Lima incarnou em parte a alma pupular portugueza. Nada mais.

Ha uma reforma legislativa da Republica que não quero deixar sem algumas palavras.

Não me refiro ao duello que felizmente acabou, nem loco no divorcio, que amanhã deve ser decretado, se bem que elle mereça a attenção de todos pela sua alta importancia, e muito em especial de nós, advogados, que por officio o teremos de manejar e já de entrada sem duvida com presentes de casos aos centos. Verdade seja que por isto me não zango. E' do officio espinhoso, paciencia!

Antonio Napolés e Ramada Curto

Escritorio

Rua Nova do Almada, 59 2.º

Refiro-me á lei de imprensa, esse documento tão celebre, que tem enchido os periodicos de critica, sobretudo de defeza, n'uma fertilidade de argumentação e de estudo digna de registro.

O trabalho do Dr. Affonso Costa, no meu acañhado entender, é d'uma maneira geral um trabalho perfeito, satisfatorio, superior.

A imprensa amordaçada até aqui pelas vergonhas monarchicas terá n'ella uma nova era de vida clara e desafogada.

Foi sempre lemma n'esta questão — a maxima liberdade com a maxima responsabilidade —, apenas tal lemma era mal interpretado e applicado.

Impunha-se afinal «a mais ampla liberdade de imprensa, mas difficil vida dos pasquins nauseabundos vivendo da mentira e da diffamação», — «garantir a imprensa conscienciosa, tornando difficil a existencia da imprensa reptiliana». E' nossa convicção que o recente decreto o conseguirá não fugindo aos principios democraticos e de justiça.

A creação do jury, a responsabilidade de accusação, a facilidade, a exigencia da prova, da defeza, são principios bem manobrados. Satisfazem-me.

Ouvi a certo esturra-dizer que afinal a nova lei encerrava um grande principio de desordem publica: — permitindo a diffamação, a injuria em publico antes de provadas; — enquanto, até aqui, ella se permitia tambem mas só depois de decretada a sua causa pela bocca do juiz, mudando assim de feição para ser já não a injuria a diffamação, mas a verdade. Modos de ver! Ha um ponto que eu não tolero, — a situação de regalia do chefe da nação! Remeniscencias...

De resto não se queiram justificar certas falhas com a saída de ser este um momento de transição. Estamos certos de que o que n'esta ditadura revolucionaria não ficar feito difficilmente se completará depois tão cedo. Em summa, o parlamento dará a ultima palavra.

Tencionava ainda referir-me aos boatos da revolução em Hespanha, e á questão da bandeira nacional. Este vai longo e sobre aquelles apenas vos direi que tenho pena que não sejam fundamentados, a não serem, e as bellas niñas não tenham tomado parte activa n'essa revolução. Só ellas com o seu encanto e pacificamente implantariam republicas em toda a parte.

Sobre a bandeira lamento que tantos andem ainda tão preoccupados, com manifesto prejuizo de estudo de outras questões tão urgentes e importantes. Em summa... não fazer coisa nenhuma...

Lisboa, 3 de Novembro de 1910

A. N.

Como elles sam!

E' profundamente lamentavel — embora de forma alguma deva surpreender — a incomprehensão que por ahí vai do que seja um curso livre. A estupidéz e a imbecilidade não perdem nunca a occasião de manifestar-se e agora, como sempre, ellas tem apparecido sem que para as encontrar seja necessario procura-las. Pelo contrario: mostram-se ostensivamente mesmo que procuremos evita-las, mesmo que lujamos á sua presença.

Muito podia dizer sobre o assumpto mas limito-me a destacar, dentre mil pequeninos factos iminentemente syntomaticos do cretinismo academico, esta conversa que ha dias tive nos Geraes com um alumno do 5.º anno juridico que encontrei minutos antes de entrarmos para a interessante aula de Pratica.

E' elle um estudantinho que anda sempre (á futrica ou de capa e batina) muito limpinho, muito escorridinho, muito lambidinho, sem um posinho na fatiota, sem uma dobra a mais ou uma dobra a menos na capinha limpa, acaloriada.

Dei com elle uma volta aos Geraes. Falámos do movimento do dia 17 de outubro, das reclamações feitas, do que se conseguiu. Elle concordava, achava bem, sentia-se agora mais á vontade com este systema de maior liberdade.

Dizia tudo isto machinalmente, inconsciente, phonograficamente. Via-se

bem que não sentia nem comprehendia nada do que estava dizendo.

Falámos de professores, falámos do Fernandes, da aula de Pratica.

— E' um professor admiravel! — dizia-me elle passando os dedos finos pelo bigodinho loiro penteado com esmero.

E acrescentou:

— Está-se bem alli. Veja lá, você, que da ultima vez levei um livro para passar o tempo e não consegui ler coisa alguma!

Nesta occasião entrámos e eu não tive tempo de fazer-lhe esta observação que faço agora: Poucos dias antes o mesmo estudantinho tinha estado toda a hora a folhear com carinhoso interesse qualquer catalogo de mobílias do Grandella ou do Chiado!

Verdade seja que elle pode responder-me que estava dentro do assumpto da preleção. Tratava-se do casamento e o estudantinho estava naturalmente escolhendo qualquer mobília ródodó para o seu futuro e ródodó ménage...

..

Eram estes individuos que nos criticavam quando iam ler para as aulas obrigatorias e quando o faziamos sem esconder os livros!

E não podem agora ler em sua casa com a sua futura mulher e os seus futuros filhos, agora que não ha faltas e quando só deve ir á aula quem se sentir na disposição de a ouvir.

Como elles sam!

Que parvinhos! que imbecis!

S. C.

O Pinto Coelho!

Entrou de novo na Universidade, este professor que a todo o ponto consideramos incompetente e absolutamente incapaz de adaptar-se, pelo seu espirito celularmente reaccionario, á vida scientifica, á rasgada orientação que deve presidir a uma Universidade Livre.

A catholica movimentou as suas forças, fez uma parada em forma e conseguiu animar o pequeno que, ao que nos dizem, tremelicava de medo, apavorado com a incerteza do futuro nestes tempos de irreverencias e de verdade.

Entrou o Pinto Coelho. Outros, que tambem deviam ter sahido, continuam na regencia de cadeiras varias.

O que fica assente, e de uma vez para sempre, é que nem o Pinto Coelho nem a qualquer outro consentiremos que na aula façam propaganda de ideias retrogradadas ou que deem á materias que ensinam qualquer orientação atrazada ou menos verdadeira.

Que se lembrem disto. Nós cá estamos para fiscalisar.

E, se disto não quiserem lembrar-se, nós procederemos immediatamente, sem hesitações e com a energia necessaria.

Matricula livre

Esperava-se ansiosamente a matricula livre. Ella chegou, não ha duvida.

Mas de tal forma se encontra aprisionada pelas injustificaveis e absurdas incompatibilidades de horarios que não hesitamos em pronunciar-nos pelo systema antigo.

Incompatibilidades de horarios!

De forma que, se a um misero homem que não faz mal a ninguém faltarem apenas duas ou tres cadeiras para terminar a formatura e, entre ellas, houver incompatibilidade de horarios, tem de ficar mais um anno, não é verdade?

Matricula livre em o nosso humilde ver, matricula livre.

Achamos idiota a tal incompatibilidade, contra ella nos revoltamos, e por mais que façamos, não percebemos a que titulo appareceu semelhante barbaridade.

Qualquer dia mandam nos fazer uma só cadeira por anno...

E Coimbra, enquanto não forem creadas as outras Escolas de Direito — e ella tem esperança de que o não sejam nunca! — estregerá as mãos de contente.

Explorará cada estudantinho pelo menos durante 9 annos... e, depois, um dia, arrebenta com uma indigestão...

ADVOGADOS LISBOA

Café Central

O nosso amigo Manoel Telles, proprietario do antigo «Marques Pinto», espirito de arrojada iniciativa, contractou a gentil coupletista Sagrario Castro, que todas as noites se exhibe no elegante tablado do Café Central com os seus finos coupletes e graciosos bailados. Hespanhola de origem, com um salero capaz de fazer nascer castanholas nos dedos, Sagrario Castro tem obtido um successo completo.

Bem haja o amigo Telles que soube abrir um parenthesis de alegria no tedio da vida coimbrã.

Muito gratos estamos á sua iniciativa que nos proporcionou o ensejo de nos regalarmos de café e sapateados.

Mensageiro Juridico da Republica Portuguesa

Acha-se publicado o 3.º deste excelente periodico de legislação, contendo a nova lei de imprensa e varios outros diplomas legislativos, coordenados pelo Dr. Edmundo Gorjão.

O modico preço porque se encontra á venda em todas as livrarias — 120 reis — põe ao alcance de todos a adquisição do utilissimo periodico.

Collegio Nacional

Cursos nocturnos gratuitos

Por iniciativa e sob a direcção e regencia do sr. Eduardo Moreira de Sá começam funcionando no dia 7 de novembro proximo, nas salas do Collegio Nacional, cursos gratuitos para adultos de ambos os sexos. O ensino da leitura será ministrado pelo methodo de João de Deus, tencionando o sr. Moreira de Sá, durante as aulas, realizar tambem pequenas palestras sobre educação civica e sobre diferentes ramos da actividade humana, de modo a formar caracteres e cidadãos uteis e prestaveis á nova sociedade.

Esta utilissima obra de instrucção e propaganda, generosamente auxiliada pelo sr. João da Silva Fialho, director do Collegio Nacional, merece a attenção de todos os que em Coimbra se interessam pela educação das classes populares, que sempre tem permanecido afastados das escolas por falta de meios e pela criminosa indifferença dos governos da monarchia. Dos interessados esperamos que não deixarão de concorrer em grande numero á inscripção, que pode fazer-se todos os dias no Collegio Nacional.

As aulas funcionarão das 7 ás 8 da noite.

ANNUNCIOS

GRANDE LEILÃO DE PENHORES

L. S. João 6, e L. da Feira 9, 10 e 11

Telephone n.º 188

BANDEIRA Á PORTA

Começou no domingo, 20 de novembro de 1910, e continua nos 30 dias seguintes o leilão annual dos penhores existentes nesta casa, em atrazo de juros.

BICICLETE

Vende-se uma magnifica marca Terrot. Para tratar: Ventura d'Almeida R. Sargento-Mór, 50 a 52.

COIMBRA

Explicador de mathematica e sciencias naturaes dos cinco primeiros annos dos lyceus. Rua Sá da Bandeira — 8.

QUARTO Aluga-se um espaçoso, com tres janellas e bonitas vistas, na Travessa da Trindade n.º 1. Trata-se na Rua Sá da Bandeira n.º 8.

"A REVOLTA,"

Jornal Republicano Radical,

# GRANDE CAFÉ CENTRAL

Praça do Commercio

CONCERTOS TODAS AS NOITES

Brevemente Variedades



**F. FRANÇA AMADO**  
Livreiro Editor

LIVRARIA E TYPOGRAPHIA  
COIMBRA

Grande sortido de livros nacionaes e estrangeiros. Administração da *Revista de Legislação e de Jurisprudência* e do *Movimento Médico*. Assignaturas para todos os jornaes de Direito, Medicina, Modas, Litterarios e Artísticos, portuguezes e estrangeiros.

Correspondencia com todos os mercados do livro  
Serviço rapido de encomendas

COIMBRA ●●●●● **MARIA LOPES**  
Rua do Sargento Mór, 40 ●●●●●  
▲▲▲▲▲ Recebe commensaes e faz  
▼▼▼▼▼ preços convidativos

≡ **VENTURA B. D'ALMEIDA** ≡  
COIMBRA Rua de Sargento Mór, 50 a 52  
Largo do Caes, 5, 6, 7, 8 e 9  
Armazem de mercearia, metaes, trapo, pelles e sarro de vinho Telephone 230

## Colchoaria Central

João Chrisostomo dos Santos & C.<sup>a</sup>

ARCO D'ALMEDINA e RUA QUEBRA-COSTAS — COIMBRA

Armazens de moveis de ferro e madeira, colchoaria. Esta casa encarrega-se de qualquer encomenda de ferro ou madeira á escolha do cliente, de cujas encomendas nos dêem a preferencia e para a confecção das quaes dispomos de pessoal proprio e habilitado.

Lindas mobílias em mogno e nogueira americana, para salas de jantar, vistas e quartos de dormir.

PARA REVENDADORES CONTRACTO ESPECIAL  
PREÇOS MODICOS

Condução gratuita aos domlillos, dentro dos limites da cidade

## Grandes Armazens do Chiado

O estabelecimento que melhor e mais barato vende em Coimbra

Pelas excepcionaes circumstancias d'esta casa, impossivel é competir com ella em preços, nos artigos de sua especialidade. Collossaes sortimentos de artigos de ultima novidade, o melhor e mais barato no genero.

### Casa J. DA FONSECA

Praça 8 de Maio, 8 e 10 — Rua V. da Luz, 1  
COIMBRA

Pianos **Gaveau**  
Bicyclettes **B. S. A. e Peugeot**  
Machinas de costura **Naumann**  
(Peça-se catalogo)

Accessorios para tudo  
Instrumentos musicos, musicas, etc.  
Alugueis e vendas a prestações  
Descontos a revendedores

Correspondente da Companhia de Seguros Commercio e Industria

ECONOMIA GARANTIA SERIEDADE

## PAPELARIA BORGES

Além do sortido proprio de papelaria, escriptorio, desenho, etc., esta casa tem a melhor edição de *bilhetes postaes illustrados do paiz*, de Coimbra e districto, Serra da Estrella, Aveiro, Vizeu, Covilhã, Castello Branco, Beja e algumas villas, para que aproveita sempre as melhores photographias e os assumptos mais escolhidos e proprios.

Toma encomenda de trabalhos no genero a quem fornecer photographias ou outros modelos, podendo tambem encarregar-se tiragem das photographias, para o que fornece preços a quem pedir.

Apparelhos e mais material para *Photographia*.

2, R. Visconde da Luz, 6 — COIMBRA

## TABACARIA CENTRAL

de Arthur L. V. d'Andrade

27, Rua Ferreira Borges, 29 — COIMBRA  
(Telephone 276)

Papelaria e objectos de escriptorio, tabacos nacionaes e estrangeiros, postaes illustrados, bilhetes de visita.

## José d'Amorim

ALFAIATE

R. Ferreira Borges, 92 — Coimbra

## Abilio Lagôas

COIMBRA

32, Praça do Commercio 33,

Escriptorio de commissões e consignações

Correspondente de Companhias de Navegação.  
Vend. passagens em todas as classes para todos os pontos do Globo.

## AUGUSTO LUIZ MARTHA

— SABOARIA LUSITANA —  
Santa Clara TELEPHONE N.º 102

Armazem de Papel e Chá. Deposito de Bolachas e Massas.

22, P. do Commercio, 26 • Teleph. n.º 11  
COIMBRA

## A CONSTRUCTORA

Estrada da Beira — COIMBRA

Deposito de materias para construcções e fabrica de ladrilhos.

## Pastelaria e confeitaria Telles

Fabricação esmerada de finos doces de ovos, e de fructa de todas as qualidades, em seccos, crystalizados e em calda.

Variada pastelaria em todos os generos.

Pudings de diversas qualidades, pão de ló pelo systema de Margaride, galantines diversas, patés, saucisses, etc.

Vinhos, cognacs, champagnes e licores finos das principaes marcas.

Cartonagens, amendoas, chocolates, bombons, drops, queijos, chás e artigos de novidade.

Unica casa que vende a finissima manteiga da Quinta de Fontello, Paços de Ferreira, e os deliciosos rebuçados de fructas, especialidade da Padaria Faria, do Porto.

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

## CESAR CANTU

RESUMO DA HISTORIA UNIVERSAL

(Um volume de 850 paginas)

Tradução portugueza por Horacio Poiars, antigo professor e reitor do Lyceu Nacional de Macao, offerecida ao seus discipulos e amigos do Extremo Oriente

Poucas pessoas poderão comprar a Historia Universal de Cesar Cantu cuja edição portugueza é em 20 volumes, cada um dos quaes se vende a 18400 reis brochado ou 18700 reis encadernado. Porem todos poderão adquirir e ler um resumo d'essa monumental obra do grande historiador, universalmente conhecido e considerado dos primeiros, e ainda o primeiro sob o ponto de vista do merito moral e philosophico, constituindo o seu trabalho uma excellente preparação para o estudo da historia contemporanea.

O compendio da Historia Universal de Cesar Cantu do professor Juan B. Ensenat, resume em 850 paginas, toda a obra do grande historiador, e a repetição das suas edições mostra o successo que tem tido. Vae ser publicado em portuguez nas officinas do «Commercio do Porto».

Preço, pagamento adiantado, para quem se inscrever como assignante até 30 de setembro proximo, 18200 reis, franco de porte.

Depois de exposto á venda o preço será 15000 reis.

A quem se responsabilisar por cinco exemplares será offerecido mais um gratis.

Todos os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, em vale do correio ou carta registada, devem ser dirigidos ao proprietario e traductor:

HORACIO POIARES — (Districto de Coimbra), Cantanheda, Mira

São igualmente satisfeitos todos os pedidos vindos do Brazil, que sejam feitos por carta registada, devidamente lacrada, contendo uma nota de cinco mil reis, dinheiro d'aquelle Paiz, representando essa importancia não só o preço total do livro mas tambem o porte e registo do correio.

Equallymente se aceitam notas de qualquer outro Paiz ou Banco, remetidas da mesma forma de qualquer parte; sendo para este effeito o preço, nas mesmas condições, tres rupias e meia na India, ou duas patacas e meias (reis 25050) no Extremo Oriente e America do Norte, ou 7 francos, ou 7 schillings, ou 7 marcos, ou 7 pesetas; e correspondendo sempre a cada requisição de cinco exemplares mais um gratis.

Pede-se toda a nitidez na indicação dos nomes e endereços a todas as pessoas que nos quizerem honrar com a sua assignatura.

Em especial os pedidos do estrangeiro que não vierem acompanhados da respectiva importancia não serão satisfeitos; sem quermos com isto maguar pessoa alguma, e apenas simplificar o serviço de publicação.

## LIVRARIA

**F. FRANÇA & ARMENIO AMADO**

Editores

R. Ferreira Borges, 77 a 81 — COIMBRA — Arco d'Almedina, 2 a 4

Esta livraria tem um grande sortido de livros tanto nacionaes como estrangeiros. Compendios adoptados na Universidade, nos Lyceus, Seminarios, Escolas Agricolas, Normaes e Primarias.

Encadernações em todo o genero. Officina montada com machinismo moderno. Aceitam-se todos os trabalhos. Grande sortido de papeis e envelopes, objectos de escriptorio e aprestes para desenho.

Deposito da importante LIVRARIA PORTUENSE de Lopes & C.<sup>a</sup>, Succ.

ACÇÕES DE DESPEJO de predios rusticos e urbanos (Decreto de 30 de Agosto de 1907) — Segundo as preleções feitas na Universidade pelo sr. prof. Dias da Silva. Separata dos *Apontamentos de Processo* colligidos por A. F. Carneiro Pacheco. 300 reis.

Dr. J. Valerio, *Quid Petis?* — Recordações de um quintanista — Elegante album contendo caricaturas de professores e estudantes da Universidade. — Livro muito proprio para ofertas como recordação da vida academica. — 1 grande volume em edição de luxo. 1\$200 reis.

Dr. Lobo d'Avila Lima, *Da Concorrenca Desleal*, 1vol. 1\$200 reis.